

Dois caminhos da dissonância cognitiva no bolsonarismo: narcisismo coletivo e desengajamento moral

Lucas Mariano Maciel-Baqueiro¹
Michael Alessandro Ferreira dos Santos²

Resumo: Nosso artigo, resultante de pesquisa teórica sobre o fenômeno do apoio popular a Jair Bolsonaro, compreendendo-o como um evento de massas rebeldes, analisa possíveis ocorrências de dissonância cognitiva em bolsonaristas radicalizados, bem como a presença de narcisismo coletivo e desengajamento moral na constituição e atos das massas e indivíduos bolsonaristas.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Massas. Dissonância cognitiva. Narcisismo coletivo. Desengajamento moral.

Two paths of cognitive dissonance in Bolsonaroism: collective narcissism and moral disengagement

Abstract: Our paper, result of theoretical research about the phenomenon of popular support to Jair Bolsonaro, understanding it as an event of revolted masses, analyzes possible occurrences of cognitive dissonance in radicalized “bolsonaristas”, as well as presence of collective narcissism and moral disengagement in the constitution and acts of “bolsonarista” masses and individuals.

Keywords: Bolsonarismo. Masses. Cognitive dissonance. Collective narcissism. Moral disengagement.

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2022 --). Bacharel em Humanidades pela Universidade Federal da Bahia (2021). E-mail para contato: lucas.baqueiro@ufba.br

² Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2022 -), Especialista em Sociologia e Ensino de Sociologia pelo Claretiano Centro Universitário (2021) e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (2020). E-mail para contato: m.alessandro.santos2016@gmail.com

Recebido em: 05/01/2023 - **Aceito em:** 20/03/2023.

Dos caminos de disonancia cognitiva en el bolsonarismo: narcisismo colectivo y desconexión moral

Resumen: Nuestro artículo, resultado de pesquisa teórica al respecto del fenómeno de la adhesión popular a Jair Bolsonaro, lo comprendiendo como un evento de masas rebeldes, analiza posibles ocurrencias de disonancia cognitiva en “bolsonaristas” radicalizados, así como la presencia de narcisismo colectivo y desconexión moral en la constitución y actos de las masas y individuos “bolsonaristas”.

Palabras clave: Bolsonarismo. Masas. Disonancia cognitiva. Narcisismo colectivo. Desconexión moral.

Introdução

Nosso artigo investiga uma possível relação entre narcisismo coletivo e desengajamento moral na prática da massa bolsonarista desde uma perspectiva das teorias conectadas a este liame. Substrato de pesquisas correntes que respectivamente conduzimos sobre a relação entre a sociogênese do bolsonarismo e o populismo digital, e sobre os sentidos de corrupção para a direita, este texto tem fulcro em explicar os conceitos basilares associados, buscando, preliminarmente, entender de que forma podem estar relacionados às condutas radicalizadas.

Antes de voltarmos-nos à pergunta de partida, é mister delimitar o que configura a massa bolsonarista e o que é, afinal, o bolsonarismo. O bolsonarismo inclui um grande arco de alianças com grupos de interesses díspares entre si. Na seara religiosa, que é uma dentre muitas do bolsonarismo, estão unidos debaixo do mesmo guarda-chuva político grupos que pouco têm em comum entre si e que não costumam a comungar de pautas idênticas.

Entendemos que é expressão média do bolsonarista o antigo conceito de homem-massa de Ortega y Gasset (2013, p. 73), tornando-se inevitável, também, a equivalência entre o conceito de “massa rebelde” do mesmo autor à massa bolsonarista. Discuti-los-emos de passagem, conforme explicaremos em tópico específico,

preambular aos demais, porque sumarizam perfeitamente os caminhos operados pela dissonância da realidade no indivíduo mediano, com amplo acesso à informação e ao uso da palavra, diante de questões que põem em xeque questões fundamentais de sua idiossincrasia, para uni-lo a uma massa rebelde e que atua eventualmente de forma desengajada de seus valores.

Quanto à questão da sociogênese do bolsonarismo, no mesmo tópico, é importante que consideremos as questões práticas que se impõem ao bolsonarista-médio e fazem-no juntar-se à massa bolsonarista. Sua própria identidade, bem como suas crenças taxativas, e seu estatuto social, que enxerga como ameaçado pelas ações, reais ou imaginárias, de minorias seletas, é uma destas questões práticas.

Como parte do arcabouço metodológico desta pesquisa, explicaremos nosso entendimento da conceituação teórica de dissonância cognitiva aplicada à política, de narcisismo coletivo e de desengajamento moral, cuja discussão se impõe para investigar a hipótese levantada. Firmadas tais conceituações, debateremos a possibilidade investigada do narcisismo coletivo e do desengajamento moral operarem como caminhos da dissonância cognitiva da massa e do indivíduo.

Muito embora seja uma situação do tempo presente, e seja inevitável àqueles que pesquisam associar-se a pontos de vista, a investigação teórica do objeto tratado por nosso artigo — que é etapa preliminar à interpretação, análise e divulgação da pesquisa empírica em meios digitais que ora desenvolvemos — é conduzida tendo em mente uma metodologia da reflexividade crítica proposta por Bourdieu (2001, p. 144). Pretendemos analisar os caminhos da dissonância cognitiva no bolsonarismo sem que ponhamo-nos como transcendentais ao fato social, cômicos de nossas próprias estruturas internalizadas (BOURDIEU, 2001, p. 145–147).

Bolsonarismo e bolsonaristas: uma definição por meio do conceito de massa

O bolsonarismo, enquanto movimento de massa, não apenas segue o seu líder carismático, mas conserva e obedece o ideário político e moral, de caráter moralmente reacionário e socialmente punitivista (ALMEIDA, 2019, p. 185–186), anunciado por duas referências públicas de Jair Bolsonaro: Brilhante Ustra e Olavo de Carvalho. Em se tratando do primeiro, a cartilha está contida no livro “A Verdade Sufocada”. Neste, o autor afirmou que a Ditadura Militar não derrotou a ameaça comunista, e que era preciso permanecer vigilante: o petismo seria sua continuação, seguindo uma estratégia do Foro de São Paulo em implementar, por meio do voto, a ditadura do proletariado (BRILHANTE USTRA, 2016, p. 534–544).

O fascínio por um Brilhante Ustra transmutado de militar a ideólogo não foi compartilhado inercialmente desde o líder à massa. Nas manifestações em tribuna quando ainda era deputado federal, Bolsonaro declarou o livro como sua única recomendação possível (BRASIL, 2016a, p. 20–22). Para os mais diversos assuntos em plenário, sempre era oportuno ao líder bolsonarista, valendo-se do nome de seu ideólogo favorito (BRASIL, 2016b, p. 22–22) para defender a Ditadura Militar, execuções sumárias, e tornar comunismo e terrorismo sinônimos.

Olavo de Carvalho, por sua vez, tornou-se parte indissociável do arcabouço de crenças bolsonaristas por meio da promoção dos filhos de Jair Bolsonaro — que são e sempre foram responsáveis por sua comunicação. Antecedente ao próprio líder no contato com as hostes reacionárias, Carvalho foi, por adoção, quem deu àquilo que viria a ser o bolsonarismo uma racionalização de seus sistemas de crenças morais, propondo seu sistema enquanto parâmetro ético.

O grande inimigo a ser combatido, segundo o ideário de Olavo de Carvalho, era o marxismo cultural, compósito de crenças identitárias, pós-modernas, humanistas, ou mesmo que se chocassem com sua ordem pensada de mundo (DA SILVA;

SUGAMOSTO; ARAUJO, 2021, p. 189). O laicismo seria a arma utilizada pelo marxismo cultural para corromper a sociedade, e estaria especialmente presente na limitação aos discursos de ódio, ao uso e emprego de armas de fogo, e na obediência civil (CARVALHO, 2013, p. 158–173).

Este ideário seria, em suma, a chave de atração das lideranças religiosas — elas mesmas dispostas a integrar-se à massa — e de seus fiéis, agrupados teoricamente por Avelar (2021, p. 173–177) sob o cognome de “partido teocrata”. É transparente o objetivo localizado no “partido teocrata” em integrar-se à massa bolsonarista: garantir a presença em bloco, com voz e precedência, na vida política tradicional (GRACINO JUNIOR; GOULART; FRIAS, 2021). Isso, contudo, não os retira da massa, enquanto com ela estiverem consubstanciados como um só corpo.

Um eleitor à direita que tenha optado por votar em Jair Bolsonaro nas duas eleições presidenciais em que este disputou não é, dentro deste enquadramento, necessariamente o bolsonarista-médio. É pressuposto fundamental da homogeneização do homem-massa repentinamente feito bolsonarista a adesão aos processos semióticos contidos na linguagem textual e visual (SILVA, 2020, p. 1176), não apenas por sua busca ao sentimento de pertença ao grupo, mas porque o grupo, enquanto massa, exige igualdade de todos.

Em termos de identidade, o bolsonarismo adota uma natureza estética própria, que é assumida e replicada pelo bolsonarista-médio enquanto sua, eliminando a que preexistia antes de contratar-se com a massa. O uso da bandeira, das cores nacionais, da imagem do líder, e, eventualmente, de simbologias como a estrela de Davi (SCOLA, 2020, p. 1–10), permeiam, dentro e fora dos atos de rua, a sua apresentação estética para o mundo.

A linguagem é replicada, também, de modo vertical pelo bolsonarista-médio: o discurso do líder é mimetizado nas particularidades, adotando não apenas pautas, mas expressões e coloquialismos empregados por Jair Messias Bolsonaro. É estratégia da luta por alcançar a hegemonia desde um ponto que se assume como contra hegemônico: o marxismo cultural, alvo a ser

combatido, é o que exige a incorporação semiótica do bolsonarismo (GABATZ; ANGELIN, 2022, p. 199–204).

Pela força de sua adesão, pela integração, pela igualdade que se força diante da massa quanto às vontades e identidades, eliminando a individualidade, contratando-se como um só corpo junto a todo o movimento político, em suma, é que se enquadra o bolsonarista-médio, separando-os de outros que orbitam junto ao bolsonarismo. E a vontade deste corpo, desta massa, contida na oposição à democracia liberal e que tem por direção o combate às formas imaginadas de marxismo cultural, é o que define o bolsonarismo.

Por fim, é importante salientar que o bolsonarismo é parte de uma estratégia global de avanço da extrema-direita, que soube adequar sua comunicação para o diálogo direto desde sua cabeça ao corpo, isto é, do líder para o homem-massa, com o uso de redes sociais e plataformas de mensagem (URMAN; KATZ, 2022, p. 905–906). A tomada das ruas pela massa não se dá, como dantes, apenas pelo uso da força física: começa, aliás, pela barulhenta tomada da nova ágora pública, a Internet, por *trolls* políticos — alimentados por algoritmos — que interditam o debate democrático realizado em linguagem distante do populismo digital (BULUT; YÖRÜK, 2017, p. 4094–4095). Tão somente a metodologia estratégica é adaptada à história brasileira e as demandas à direita de seu homem-massa.

Conceito de dissonância cognitiva

Tendo respondido à primeira pergunta, sobre o que é o bolsonarismo e o que faz um bolsonarista, é importante destacarmos o significado do conceito de dissonância cognitiva. Decerto, não poderíamos fazê-lo de forma mais competente do que o próprio prócer que a hipotetizou:

- (1) A existência de dissonância — que é estar psicologicamente desconfortável — motivará à pessoa a tentar reduzir a dissonância e alcançar a consonância;

(2) quando a dissonância está presente, além de tentar reduzi-la, a pessoa irá vivamente evitar situações e informação que, certamente, poderia aumentar a dissonância. [...] Em suma, proponho que dissonância, isso é, a existência de relações inconsistentes entre cognições, é um fator motivador autônomo. Quanto ao termo “cognição”, aqui [...], refiro-me a qualquer conhecimento, opinião ou crença sobre o contexto, sobre si mesmo, ou sobre o comportamento de alguém. (FESTINGER, 1962, p. 3, tradução nossa).

Em outras palavras, há dissonância cognitiva de um indivíduo quando aquilo que se sabia verdadeiro, ou estava arraigado em seu sistema de crenças, choca-se com outra informação ou realidade diversa. Chamaremos às crenças, informações ou realidades que convergem ou divergem por “cognições”, conforme a teoria de Festinger. Quando isso ocorre, três caminhos podem ser percorridos pelo sujeito: adaptar-se àquela nova cognição e agir de forma condizente com ela; ignorá-la solenemente, e evitar cognições que abalem aquele conhecimento previamente firmado; e, por fim, buscar outras cognições enviesadas que reafirmem aquela anteriormente estabelecida.

Aponta Festinger (1962, p. 13–15) que a dissonância pode emergir de quatro circunstâncias: da inconsistência lógica; dos valores culturais ou geracionais; de uma crença particular; e, por fim, das experiências anteriores. O que vai definir o desconforto entre as cognições dissonantes é a magnitude, ou distância entre elas. Em se tratando de algo que não tenha grande importância para um indivíduo, há fraca magnitude; sendo, todavia, coisa relevante, causadora de desconforto psicológico, há magnitude forte na dissonância cognitiva.

Quase como uma função matemática, quão maior seja a magnitude de uma dissonância cognitiva, maior será a pressão internalizada para reduzi-la, adaptá-la ou eliminá-la (FESTINGER, 1962, p. 18). O problema é que, quando há fortes bases em ambos os elementos dissonantes, a pressão para adaptar-se ou eliminar a dissonância pode gerar novas dissonâncias cognitivas encadeadas,

no esforço de adequar-se comportamentalmente à nova cognição, ignorá-la, decidir desengajar-se moralmente ou adquirir novas cognições que confirmatórias, gerando um estado de estresse permanente e constante distância da realidade (FESTINGER, 1962, p. 19–29).

Reconceituação de narcisismo coletivo

A teoria psicanalítica foi quem conceituou pela primeira vez o narcisismo coletivo. Tentando compreender o modo como as massas se congregavam por laços de afeto, teorizou que o contrato tácito de integração do indivíduo à massa se dá pela projeção naquela, através da idealização de seu líder, da perfeição que tanto o seu ego buscava (LE BON, 1971 apud FREUD, 2015, p. 64–78). Grupos de natureza mais distintas, como mesmo escolas intelectuais inteiras, podem estar sujeitas à forma clássica do narcisismo coletivo (LOURAU, 1974, p. 9-30 apud BOURDIEU, 2006, p. 386).

Para a ciência política e a psicologia política, este conceito foi ressignificado e ganhou palpabilidade com o desenvolvimento da escala de narcisismo coletivo (EMMONS, 1987; RASKIN, TERRY, 1988 apud GOLEC DE ZAVALA et al., 2009, p. 12–13), que trasladou os fatores do narcisismo individual à coletividade, tais como: busca pelo reconhecimento da autoridade de seu grupo; aspiração de influência do grupo sobre os outros; aspiração de que o grupo governe para tornar o mundo um lugar melhor; afirmação de excepcionalidade do grupo em contraste com os demais; aspiração de ascendência do grupo sobre os outros grupos; aspiração de respeito da sociedade ao grupo; aspiração de significação do grupo aos olhos do mundo; e sensibilidade à crítica, representada na afirmação de que “não muitas pessoas parecem compreender a importância de meu grupo” (GOLEC DE ZAVALA et al., 2009, tradução nossa).

O que é especialmente significativo, embora não tenha ocorrido até aqui um debate direto entre ambas as teorias, é que a escala de narcisismo coletivo se amolda perfeitamente àquilo

que Ortega y Gasset (2013, p. 65–77) ensaiou, com anterioridade de quase um século, sobre as aspirações do homem-massa e da massa rebelde. Os estudos sobre narcisismo coletivo afirmam, com base em evidências empíricas, que o sujeito integrado a um coletivo narcisista se integra em busca de resolver seus conflitos internalizados quanto à frustração com os aspectos sociais, psicológicos e estamentais de sua própria vida (GOLEC DE ZAVALA; DYDUCH-HAZAR; LANTOS, 2019, p. 57).

A idealização de superioridade e falta de reconhecimento da massa rebelada, gerada pelo narcisismo coletivo, tem por consequência o ódio a um grupo externo, projetado como inimigo, que supostamente roubar-lhes-ia o reconhecimento e seu lugar na sociedade (GOLEC DE ZAVALA; LANTOS, 2020, p. 273–276). O sentimento de desvalidação da massa, que atinge à autoestima coletiva, gera violência direcionada ao grupo externo que foi projetado como alvo, bem como preconceito, na busca de recuperação do orgulho perdido (DYDUCH-HAZAR; MROZINSKI; GOLEC DE ZAVALA, 2019, p. 2–8).

O narcisismo coletivo da massa se associa, também, à exacerbação cega do nacionalismo e se vincula nas circunstâncias políticas de um populismo autoritário, buscando garantir a preservação da grandeza imaginada da massa diante do inimigo externo que ameaça seus valores projetados, pretendendo antes dominar que ser dominado (GOLEC DE ZAVALA, 2018, p. 79–88). A vinculação, no narcisismo coletivo, entre o nacionalismo e frustração diante do estamento social, ou entre o nacionalismo e a própria xenofobia, dá-se pela busca pelo pertencimento a algo maior diante da descompressão de suas próprias circunstâncias (CICHOCKA; CISLAK, 2020, p. 69–74).

Outra consequência importante da contratação à massa e do ato de tornar-se um só corpo com ela é a absorção das ameaças imaginárias àquela massa como se fossem a si mesmo. Representa uma probabilidade alta de tornar-se passível às teorias de conspiração e comportamentos de desilusão persecutória associados à política (GOLEC DE ZAVALA et al., 2016, p. 24–29). Aspecto também importante derivado do nacionalismo da massa

é a existência de um certo enfoque, com relação ao grupo externo feito inimigo, quanto à sua origem e raça (FEDERICO; GOLEC DE ZAVALA; BU, 2022, p. 1–14). São estes os pontos focais, em suma, da relação do narcisismo coletivo com a massa.

Conceito de desengajamento moral

Ao desenvolver o conceito de desengajamento moral, referiu-se Bandura ao fato de que:

Indivíduos encaram amiúde pressões para engajar-se em atividades que geram benefícios desejados, mas violam seus padrões morais. Para que se engajem nessas atividades e vivam consigo mesmo, têm de despir a moralidade de suas ações ou envolvê-las em propósitos valorosos. O desengajamento das autossanções morais permite às pessoas comprometer seus padrões morais e ainda manter seu senso de integridade moral. [...] É a suspensão seletiva da moralidade para atividades nocivas que habilita às pessoas a requalificar positivamente sua autoestima enquanto causam danos (BANDURA, 2016, p. 2–3, tradução nossa).

Frequentemente, quando o indivíduo encara uma situação que forçosamente requer de si uma ação que, aparentemente, choque-se com seus preceitos morais, desenvolve uma postura de evocar um desengajamento moral (BANDURA, 2016, p. 3–4). Ocorre, por exemplo, quando o agente é confrontado com práticas observadas em um grupo externo — e negativamente valoradas por si — em seu próprio grupo, que rechaça a plausibilidade de que esta prática ocorra em seu meio: podendo combatê-las, relativiza ou nega qualquer evidência, ou justifica em nome de um bem maior.

Um exemplo máximo do desengajamento moral está contido no exemplo dos pastores e fiéis de igrejas pentecostais que acolhem

o traficante faccionado dono de morro, indisposto a abandonar o crime, e que recebem o dízimo do dinheiro que é oriundo da atividade criminosa, portanto fruto de pecado, dentro de sua concepção doutrinária (SPYER, 2020, p. 140–141). Neste exemplo, há um distanciamento de seus padrões morais, sob a guisa da virtude de acolher. Não há mais a atribuição de uma valoração moral a esta prática específica. É como se o desengajamento moral provocasse um deslocamento momentâneo do objeto de escrutínio, relativizando práticas e discursos.

É importante salientar que não se trata de encarar tal problemática desde um viés ancorado em cinismo dos agentes, mas de perceber que o desengajamento moral é elemento social e pessoal capaz de ancorar ações prejudiciais sem que o indivíduo perca seu senso de autorrespeito e autoestima. Em vez disso, ocorre a autoglorificação pessoal, porque crê-se o sujeito moralmente desengajado estar agindo em nome de algo honorável e aceitável. O que é objeto de escrutínio é esquecido, provocando uma ausência de ação engajada. Ou seja, paradoxalmente, é o desengajamento moral um tipo *sui generis* de engajamento, mas com o fuso trocado.

O desengajamento moral não é uma ação passiva do agente. Pelo contrário: é ação ativa porque, dentro de seus sistemas de autossanções, o indivíduo, enquanto agente, é capaz de refletir sobre seus efeitos e consequências, detendo-se de fazer aquilo que seja apontado como ruim. Não se pode, portanto, dizer que houve desengajamento contra a vontade:

A menos que as pessoas acreditem que podem produzir os efeitos desejados por suas ações, elas têm pouco incentivo para agir ou perseverar em face das dificuldades. Quaisquer outros fatores que sirvam como guias e motivadores têm raiz na crença dessas pessoas de que podem afetar o curso dos eventos por meio de suas ações (BANDURA, 2016, p. 5, tradução nossa).

Os atos de desengajamento moral podem ser mais refinados do que o simples agir físico. O uso de linguagem eufemística, por exemplo, é um exemplo de elemento refinado com poder de desengajar moralmente pessoas e grupos. Ao atribuir sentidos positivos a certas palavras que implicam em ações danosas, justificam-se ou atenuam-se as ações decorrentes do novo significado atribuído. Uma prática capaz de prejudicar alguém é mais facilmente levada a cabo pelo agente se sua definição é atenuada eufemisticamente.

A redefinição do polo da aprovação moral é uma das chaves para compreender o conceito de desengajamento moral. “Acreditar na moralidade de uma causa não apenas elimina a autocensura, mas também empenha a autoaprovação de si a serviço de façanhas destrutivas. O que antes era moralmente repreensível torna-se fonte de autovalorização” (BANDURA, 2016, p. 50, tradução nossa). E isso passa, naturalmente, pelo senso de pertença a um grupo:

Desenvolvemos essa atividade [dar sentido ao mundo] nas relações que compõem o nosso cotidiano, o qual, por sua vez, é atravessado por práticas discursivas construídas a partir de uma multiplicidade de vozes. As ideias com as quais convivemos, as categorias que usamos para expressá-las e os conceitos que buscamos formalizar são constituintes de domínios diversos (da religião, da arte, da filosofia, da ciência), de grupos que nos são mais próximos (família, escola, comunidade, meio profissional etc.) e da mídia em geral”. (SPINK; MENEGON, 2004, p. 63).

Inferimos, justamente a respeito da busca de um sentido às coisas, que o desengajamento moral, seletivo às causas que não são alheias ao agente, não opera evidenciando ausência de valores partilhados ou cinismo generalizado. Pelo contrário, evidencia que as minúcias do comportamento perpassam momentos e contextos de pequenos desengajamentos morais cotidianos:

[...] O desengajamento moral atua em nosso cotidiano junto a ações comuns e corriqueiras, possibilitando comportamentos que contrariam o padrão moral do indivíduo sem necessariamente infringir alguma lei. [...] É importante atentar que o fato das pessoas desengajarem-se em algumas situações não quer dizer que elas não tenham bons valores, que se comportem sempre em direções condenáveis ou não façam boas ações em outras direções[...] É necessário que se atente para a importância de que os valores morais da pessoa que desengaja podem ser os mesmos de uma pessoa que não faria uma ação desengajada na mesma situação. (AZZI; CORRÊA, 2015, p. 215).

Trata-se de uma seletividade flexível contextualizada em casos específicos que engajam ao agente ou ao grupo que este faz parte. E, considerando o contexto expandido da massa rebelde coletivamente narcisista e do homem massa cognitivamente dissonante, o desengajamento moral é um desdobramento natural para a sustentação da crença do homem-massa enquanto modelo ideal de virtude de seu próprio tempo.

Operações da dissonância cognitiva no bolsonarismo: narcisismo coletivo e desengajamento moral

O bolsonarismo é um fenômeno de massas com fortes implicações nas trajetórias individuais dos agentes que dele comungam. Entendemos que o sujeito que emergiu na massa do bolsonarismo, encontrou-se, em sua experiência, em dissonância cognitiva envolvida pelo narcisismo coletivo e subsequente desengajamento moral. Em geral, o elemento da dissonância cognitiva de forte magnitude está na resistência às mudanças cognitivas comportamentais (FESTINGER, 1962, p. 25–26). Consideramos este um dos fatores principais da conversão do homem-massa em bolsonarista-médio. A resistência às mudanças cognitivas se dá no conflito de identidade e valores. Identidades que antes eram lidas como parte do substrato dominante da sociedade perderam a elevada estima geral anterior.

Dados significativos que narram sobre a mudança de perspectiva moral do brasileiro estão no agregado de análises publicado pelo Instituto Datafolha (2022). Na seara do comportamento 55% dos brasileiros consideravam-se conservadores, em novembro de 2014. Estes números caíram, em maio de 2022, para 39% dos entrevistados, com um reposicionamento ao centro, esquerda e centro-esquerda (INSTITUTO DATAFOLHA, 2022, p. 11). Permaneceram comportamentalmente conservadores mais os homens, idosos, e com renda familiar maior do que 10 salários mínimos (INSTITUTO DATAFOLHA, 2022, p. 4).

Por sua vez, para identificar um perfil demográfico do bolsonarista-médio, valemo-nos da pesquisa eleitoral do IPEC (2022) publicada às vésperas do segundo turno das eleições de 2022. Bolsonaro era o candidato dos eleitores com ensino superior, residentes fora do Nordeste, com renda familiar acima de cinco salários mínimos, de cor branca e fé protestante, e tinha base eleitoral maior nos municípios de interior com até 500 mil habitantes (IPEC - INTELIGÊNCIA EM PESQUISA E CONSULTORIA ESTRATÉGICA, 2022, p. 8–10).

A cognição, quanto ao enfoque do Estado nas políticas públicas direcionadas ao seu público era uma, no passado. Hoje, os índices de evolução demográfica revelam que o direcionamento das políticas públicas é outro: embora ainda lhes atenda, não o faz exclusivamente, como no passado:

Pode-se concluir, portanto, que o país teve seu perfil demográfico totalmente transformado: de uma sociedade majoritariamente rural e tradicional, com famílias numerosas e risco de morte na infância elevado, passa-se a uma sociedade predominantemente urbana, com arranjos familiares diversos (famílias com filhos, sem filhos, unipessoais, homoafetivas, entre outras categorias) e risco de morte na infância reduzido. (VASCONCELOS; GOMES, 2012, p. 546).

Entendemos que a resistência à nova configuração demográfica, religiosa, comportamental e política, da parte do

indivíduo em dissonância com a nova realidade, tem efeitos consequentes: dela derivam as ocorrências de narcisismo coletivo, desengajamento moral e novas dissonâncias cognitivas a reforçar as consequências de suas atitudes. Examinemos os pressupostos básicos, atinentes às cognições particulares do bolsonarismo, para considerá-lo um coletivo narcisista (GOLEC DE ZAVALA, 2018; GOLEC DE ZAVALA; GUERRA; SIMÃO, 2017):

Quadro 1		
Pressuposto (visão projetada pelo coletivo narcisista)	Coletivo narcisista (em tese)	Grupo externo
Autoidentificação	Bolsonarismo; direita	Petismo; comunismo; esquerdismo
Identidade fundamental	Nacionalismo	Globalismo
Orientação	Reacionarismo social	Libertarianismo social
Ameaça fundamental	Marxismo cultural	Civilização ocidental
Aspiração	Dominância social	
Valores	Excepcionalmente bons (cidadão de bem), tradicionais	Excepcionalmente maus (criminosos, defensores de bandidos, etc.), modernos
Valores religiosos	Cristão, antilaicista, em defesa da família tradicional	Anticristão, laicista, corruptor da família tradicional
Respeito da sociedade ao grupo	Pequeno	Grande
Sensibilidade à crítica pública e projeção da imprensa	Grande (imprensa é antagonônica, especialistas são)	Pequena (imprensa é favorável ou parte do grupo externo)
Posição quanto ao militarismo	Favorável, autoritário, dominância do Estado pelas Forças Armadas	Desfavorável, autoritário, dominância do Estado pelo crime organizado
Dados: (ALMEIDA, 2019; AVELAR, 2021a; BÉLAND et al., 2021; BRILHANTE USTRA, 2016; CESARINO, 2021; DYDUCH-HAZAR; MROZINSKI; GOLEC DE ZAVALA, 2019; FEDERICO et al., 2022; FEDERICO; GOLEC DE ZAVALA; BARAN, 2021; FEDERICO; GOLEC DE ZAVALA; BU, 2022; GOLEC DE ZAVALA, 2018; GOLEC DE ZAVALA et al., 2016; GOLEC DE ZAVALA; CICHOCKA; ISKRA-GOLEC, 2013; GOLEC DE ZAVALA; DYDUCH-HAZAR; LANTOS, 2019; LYNCH; CASSIMIRO, 2022)		

Tradicionalmente, uma das principais consequências da orientação nacionalista e de dominância social no narcisismo coletivo é a xenofobia (GOLEC DE ZAVALA; GUERRA; SIMÃO, 2017, p. 2–3). O elemento xenofóbico, no caso do bolsonarismo, é menos explícito: embora sejam constantes as manifestações contra a China, imigrantes haitianos ou venezuelanos, e os ataques aos nordestinos (SILVA SOBRINHO; RAMIRES, 2022), a xenofobia é diluída no elemento da ameaça externa à nação. O globalismo — crença em uma conspiração para erigir um governo mundial alinhado ao marxismo cultural — é quem ocupa o lugar projetado pela massa rebelde (DA SILVA; SUGAMOSTO; ARAUJO, 2021, p. 187–195).

A resistência comportamental à cognição dos novos valores geracionais toma um valor próprio. Festinger (1962, p. 21–24) aponta que, como resposta à dissonância cognitiva que se apresente enquanto inconsistência entre sua crença particular e a realidade, pode o indivíduo dissonante acrescentar novas cognições, enviesadas, que reafirmam sua cognição anterior. O apelo ao passado e a adoção da defesa da moral e dos costumes de antigamente, sobretudo no que diz respeito à sexualidade, apontam justamente para este caminho. Afinal, o bolsonarismo compreende a si mesmo como uma federação de interesses que rejeitam a globalização e a modernidade (LUGO-OCANDO, 2020).

O militarismo, aspecto presente no narcisismo coletivo, é adotado pela massa bolsonarista como arma de remoção do grupo externo, que seria feita pelas Forças Armadas. É também parte componente do campo dos valores fundamentais, que aspiram por uma suprema cidadania e exercício de um poder moderador pela soldadesca (CARVALHO, 2005). Entende o bolsonarismo, enquanto populismo autoritário, que apenas o emprego das Forças Armadas faria imperar a vontade geral do povo, em contraposição à ameaça do grupo externo (MUDDE; ROVIRA KALTWASSER, 2017).

A massa rebelde bolsonarista vê-se como pacífica e ordeira em seus protestos e o homem-massa bolsonarista vê-se como o cidadão de bem (COSTA, 2021, p. 3–4). Finalizado o pleito de

2022, todavia, deram-se alguns exemplos do narcisismo coletivo e desengajamento moral oriundos da dissonância cognitiva. Foi o caso dos fechamentos de rodovias federais por bolsonaristas, sob alegação de que parar o país forçaria ao reconhecimento de fraude generalizada nas urnas e à tomada do poder pelos militares.

A crença na fraude eleitoral é por si só inconsistente com a realidade, dando azo à dissonância cognitiva. A derrota eleitoral de Jair Bolsonaro, para o bolsonarista-médio, também é uma inconsistência com seu sistema de crenças, dada a certeza de que as pesquisas eleitorais anteriores ao pleito seriam fraudadas. A ação contra o grupo externo que é ameaça imaginária — o petismo — e a revelação íntima de um chamado heróico pela salvação nacional, podem ser fruto do narcisismo coletivo. E, tudo isso, em nome daquilo que vêem como bem maior, leva à ilegalidade de bloquear o trânsito para pedir novas ações ilegais, como um golpe de Estado.

Ficou famosa, por exemplo, a história do chamado “Patriota do Caminhão”: um bolsonarista que, no intento de bloquear a via, ficou agarrado ao pára-choque de um caminhão na cidade pernambucana de Caruaru, seguindo preso ao automóvel por quilômetros (MIRANDA, 2022). Outro caso emblemático, onde se pode detectar a presença dos caminhos da dissonância cognitiva é o dos manifestantes que, fechando uma rodovia, cantaram o hino nacional em saudação a um pneu (DUARTE, 2022), alçado à categoria de ícone da massa rebelde.

Grupos de bolsonaristas que desconhecem a validade do resultado das eleições permanecem, até janeiro de 2023, acampados à porta de quartéis. Posturas belicosas, repetições de ordens-unidas militares e pedidos de golpe militar eram contínuos nestas manifestações, justamente sob o mote de defesa da democracia e da liberdade de expressão, o que revela o emprego de linguagem eufemística, em voz passiva, como subproduto do desengajamento moral, servindo como ferramenta para auto-inocentar-se da nocividade (BANDURA, 2016, p. 179)

Onde pode cumular a dissonância cognitiva, o narcisismo coletivo e o desengajamento moral? Vimo-lo na prática em 8 de

janeiro deste ano, quando uma turba violenta tomou de assalto os palácios da Praça dos Três Poderes em Brasília, em uma tresloucada tentativa de golpe-de-Estado. O emprego de violência, como subproduto da radicalização consequente do narcisismo coletivo e do desengajamento moral, torna-se gradualmente maior, culminando eventualmente em terrorismo (REICH; SPRINZAK, 1990; SPRINZAK, 1986).

Os protestos contra o *establishment* político, os esforços eleitorais e os fracassos nos objetivos levaram, gradativamente, a confrontos com autoridades e alienação do sistema, levando a esforços terroristas para destruir o sistema e desumanizar os governantes (REICH; SPRINZAK, 1990; SPRINZAK, 1986 apud BANDURA, 2016, p. 47). Tais confrontos e atos de sublevação sequer se reconhecem como delituosos, levando àqueles que foram presos na ocasião supramencionada a sequer compreender, em realização de sua dissonância cognitiva, que estavam presos, nem sequer que cometeram um crime.

Estas são as conclusões de nossa abordagem teórica quanto ao perfil da massa rebelde bolsonarista e do bolsonarista-médio: existem evidências de um forte elemento de dissonância cognitiva no homem-massa que o faz aderir a uma massa coletivamente narcisista, praticando atos de desengajamento moral. Resta-nos, e também aos cientistas que adiram aos esforços de compreender o fenômeno, quantificar e verificar as hipóteses, o que pretendemos fazer no curso de nossas pesquisas sobre o bolsonarismo.

Referências

ALMEIDA, R. DE. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos Cebrap**, v. 38, n. 1, p. 185–213, 2019.

AVELAR, I. Genealogía discursiva do bolsonarismo. **Aisthesis Revista Chilena de Investigaciones Estéticas**, n. 70, p. 169–198, dez. 2021.

AZZI, R. G.; CORRÊA, W. G. Mecanismos de Desengajamento moral em ação: discussão a partir de exemplos brasileiros. Em: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; TOGNETTA, L. (Eds.). **Desengajamento moral: teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 195–219.

BANDURA, A. **Moral disengagement: how people do harm and live with themselves**. New York: Worth Publishers, Macmillan Learning, 2016.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Tradução: Sergio Miceli. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. **The rules of art: genesis and structure of the literary field**. Nachdr ed. Stanford, Calif: Stanford Univ. Press, 2006.

BRASIL. Ata da 86ª Sessão da Câmara dos Deputados, deliberativa extraordinária, noturna, da 2ª Sessão legislativa ordinária, da 55ª legislatura, em 16 de abril de 2016. **Diário da Câmara dos Deputados**, v. 21, n. 55, p. 20–22, 17 abr. 2016a.

BRASIL. Ata da 101ª Sessão da Câmara dos Deputados, deliberativa extraordinária, matutina, da 2ª Sessão legislativa ordinária, da 55ª Legislatura, em 28 de abril de 2016. **Diário da Câmara dos Deputados**, v. 21, n. 64, p. 22–23, 29 abr. 2016b.

BRILHANTE USTRA, C. A. **A verdade sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça**. 13. ed. Brasília, DF: Editora Ser, 2016.

BULUT, E.; YÖRÜK, E. Digital populism: Trolls and political polarization of Twitter in Turkey. **International Journal of Communication**, v. 11, p. 25, 2017.

CARVALHO, J. M. DE. **Forças armadas e política no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARVALHO, O. L. P. DE. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2013.

CICHOCKA, A.; CISLAK, A. Nationalism as collective narcissism. **Current Opinion in Behavioral Sciences**, v. 34, p. 69–74, ago. 2020.

COSTA, J. F. A. Quem é o “cidadão de bem”? **Psicologia USP**, v. 32, p. e190106, 2021.

DA SILVA, W. T.; SUGAMOSTO, A.; ARAUJO, U. I. O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. **Cultura y religión**, v. 15, n. 1, p. 180–222, jun. 2021.

DUARTE, J. Bolsonaristas cantam Hino Nacional para pneu no Para. **O Povo**, 3 nov. 2022.

DYDUCH-HAZAR, K.; MROZINSKI, B.; GOLEC DE ZAVALA, A. Collective Narcissism and In-Group Satisfaction Predict Opposite Attitudes Toward Refugees via Attribution of Hostility. **Frontiers in Psychology**, v. 10, p. 1901, 4 set. 2019.

FEDERICO, C. M.; GOLEC DE ZAVALA, A.; BU, W. Collective Narcissism as a Basis for Nationalism. **Political Psychology**, p. pops.12833, 5 maio 2022.

FESTINGER, L. **A Theory of Cognitive Dissonance**. 2. ed. Stanford, CA: Stanford University Press, 1962.

FREUD, S. **Massenpsychologie und Ich-Analyse: die Zukunft einer Illusion**. Zehnte Auflage ed. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 2015.

GABATZ, C.; ANGELIN, R. Percursos da hegemonia cultural bolsonarista e a retórica de ódio na realidade brasileira contemporânea. **REFLEXUS - Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 16, n. 1, p. 187–206, 4 jul. 2022.

GOLEC DE ZAVALA, A. et al. Collective narcissism and its social consequences. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 97, n. 6, p. 1074–1096, 2009.

GOLEC DE ZAVALA, A. et al. Collective Narcissism Predicts Hypersensitivity to In-group Insult and Direct and Indirect Retaliatory Intergroup Hostility. **European Journal of Personality**, v. 30, n. 6, p. 532–551, nov. 2016.

GOLEC DE ZAVALA, A. Collective Narcissism: Antecedents and Consequences of Exaggeration of the In-Group Image. Em: HERMANN, A. D.; BRUNELL, A. B.; FOSTER, J. D. (Eds.). **Handbook of Trait Narcissism**. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 79–88.

GOLEC DE ZAVALA, A.; DYDUCH-HAZAR, K.; LANTOS, D. Collective Narcissism: Political Consequences of Investing Self-Worth in the Ingroup's Image. **Political Psychology**, v. 40, n. S1, p. 37–74, fev. 2019.

GOLEC DE ZAVALA, A.; GUERRA, R.; SIMÃO, C. The Relationship between the Brexit Vote and Individual Predictors of Prejudice: Collective Narcissism, Right Wing Authoritarianism, Social Dominance Orientation. **Frontiers in Psychology**, v. 8, p. 1–14, 27 nov. 2017.

GOLEC DE ZAVALA, A.; LANTOS, D. Collective Narcissism and Its Social Consequences: The Bad and the Ugly. **Current Directions in Psychological Science**, v. 29, n. 3, p. 273–278, jun. 2020.

GRACINO JUNIOR, P.; GOULART, M.; FRIAS, P. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsosarismo. **Cadernos Metrópole**, v. 23, n. 51, p. 547–580, ago. 2021.

INSTITUTO DATAFOLHA. **Perfil ideológico dos brasileiros: maio de 2022**. São Paulo, SP: [s.n.]. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/06/08/p33crfil82idggg024ideo-mai-22.pdf>>.

IPEC - INTELIGÊNCIA EM PESQUISA E CONSULTORIA ESTRATÉGICA. **Pesquisa de opinião pública sobre assuntos políticos/administrativos**. São Paulo, SP: [s.n.]. Disponível em: <https://www.ipecc-inteligencia.com.br/Repository/Files/2210/Job_22_1426-12_Brasil_Relatorio_de_tabelas_Imprensa.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2023.

LUGO-OCANDO, J. The 'changing' face of media discourses on poverty in the age of populism and anti-globalisation: The political appeal of anti-modernity and certainty in Brazil. **International Communication Gazette**, v. 82, n. 1, p. 101–116, fev. 2020.

MIRANDA, M. D. Bolsonarista que se pendurou em caminhão vira meme nas redes sociais. **Estado de Minas**, 4 nov. 2022.

MUDDE, C.; ROVIRA KALTWASSER, C. **Populism: a very short introduction**. New York, NY: Oxford University Press, 2017.

ORTEGA Y GASSET, J. **La rebelión de las masas**. 3a ed. ed. Madrid: Tecnos, 2013.

REICH, W.; SPRINZAK, E. (EDS.). The psychopolitical formation of extremem left terrorism in a democracy: the case of the Weathermen. Em: **Origins of terrorism: psychologies, ideologies, theologies, states of mind**. 1. ed. Washington, DC; Baltimore: Woodrow Wilson Center Press; Johns Hopkins University Press, 1990. p. 65–85.

SCOLA, J. Imagens literais demais: Pensando elementos estéticos no fazer político do bolsonarismo e suas consequências. **Novos Debates**, v. 6, n. 1–2, 2020.

SILVA, D. DA C. P. Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1171–1195, ago. 2020.

SILVA SOBRINHO, H. F. DA; RAMIRES, L. Discursos dispersos e articulados: a região Nordeste e os sentidos de evidência reproduzidos na mídia. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 25, n. 50, p. 145–165, dez. 2022.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M. A pesquisa como prática discursiva. Em: **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 63–92.

SPRINZAK, E. **Fundamentalism, Terrorism, and Democracy: The Case of Gush Emunim Underground**. Washington, DC: Wilson Center, 1986.

SPYER, J. **O povo de Deus: quem são os evangélicos e porque eles importam**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

URMAN, A.; KATZ, S. What they do in the shadows: examining the far-right networks on Telegram. **Information, Communication & Society**, v. 25, n. 7, p. 904–923, 19 maio 2022.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 21, n. 4, p. 539–548, dez. 2012.